

CAETANO ALBERTO DA SILVA

**DESCOBRIMENTO  
DAS FILIPPINAS PELO  
NAVEGADOR  
PORTUGUEZ FERNÃO  
DE MAGALHÃES**

**Caetano Alberto da Silva**  
**Descobrimento das Filippinas**  
**pelo navegador portuguez**  
**Fernão de Magalhães**

*[http://www.litres.ru/pages/biblio\\_book/?art=24175404](http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24175404)  
Descobrimento das Filippinas pelo navegador portuguez Fernão de  
Magalhães:*

# Содержание

I	4
II	8
III	11
IV	14
V	22
VI	25
Конец ознакомительного фрагмента.	30

# Descobrimiento das Filipinas pelo navegador portuguez Fernão de Magalhães

## I

*Primus circumdidisti me.*— Foste o primeiro que me circumdou. — Foi esta a divisa que Carlos V, o imperador, escreveu na esfera que encimou o braço de Sebastião de Elcano, o afortunado piloto castelhano, que do mar do sul trouxe a S. Lucar de Barrameda, a nau *Victoria*, com a noticia da descoberta das ilhas Mariannas, tendo dado a volta ao mundo.

Afortunado chamámos a Sebastião de Elcano, e que maior fortuna que colher os loiros que deviam cingir a frente de outro, a quem a sua má estrella lhe anoitou a existencia depois de o ter guiado á victoria!

E que outro podia ser que um portuguez a devassar os mares, a circundar o globo?!

Que de empresas arrojadas; que de feitos d'armas; que de acções generosas; que de progressos das sciencias se poderão apontar na historia, que não encontreis á sua frente primeiro entre

os primeiros: – o portuguez.

Ah! que até chego a duvidar se estou acordado ou sonhando, quando ouço para ahi tanto pessimismo a amesquinhar o nosso valor, a duvidar, a descrêr de nós proprios!

Não ha talvez outro exemplo de uma nacionalidade assim!

Tão grande; tão prestimosa; tão brilhante, que o seu nome está escripto no mundo inteiro, pelos mares, nas ilhas, nos continentes, nos mais reconditos sertões e até nos astros – como adiante veremos – e que tão pouco julgue de si; tendo-se por fraca quando tanto é o seu valor; julgando-se pobre quando é tão rica, que tem dado prodigamente a outros e tanto ainda lhe resta para si; que tendo uma historia tão gloriosa como outra não ha, pense que não é d'ella que ha-de viver, como se fosse uma Roma cahida, que já não tem a girar-lhe nas veias o mesmo sangue com que escreveu essa historia!

Mas então o que valem os feitos dos nossos soldados, que ainda nos principios d'este seculo se batiam e levavam de vencida as legiões do primeiro capitão, que avassalava o mundo com a sua espada e que veio encontrar, n'este recanto da peninsula, os primeiros revezes da guerra que o levaram por fim a Santa Helena: – O grande Bonaparte!; mas que valem, em nossos dias essas victorias alcançadas em Africa; que despertam a admiração do mundo; que significa ainda o triumpho que n'este momento as armas portuguezas estão alcançando na Oceania?; o que vale o resurgir das nossas artes, que vão honrar o nome portuguez nos certamens onde concorrem os artistas de todo

o mundo, como agora, em Berlim; que gloria nos vem de um dramaturgo portuguez Pinero (Pinheiro), em Inglaterra, alcançar os maiores triumphos nos theatros de Londres, e das suas peças percorrerem toda a America; para que orgulhar-mo-nos dos Luziadas que é um poema eterno porque canta as glorias de um povo de guerreiros e de navegadores; para que serve a expansão d'este paiz pequeno, cujos seus filhos affirmam a victalidade da patria pelas cinco partes do mundo, em colonias tão importantes como as da America, da Africa, da Oceania e da Asia; que importancia tem os nossos homens scientificos que se distinguem nos congressos onde se reúnem as summidades da sciencia; o que quer dizer essa lucha da industria portugueza a medir-se com as industrias de outros paizes mais adiantados, supprindo as necessidades de um povo civilisado a que a má administração das suas finanças acarretou uma crise economica; o que importa o renascimento de um paiz que em meio seculo tem realisado todos os progressos que o aproximam das nações mais cultas?

Serão proprios de uma raça degenerada, de um paiz perdido, de uma civilisação extincta, todas estas manifestações de vida, affirmações de força, de lucha pela existencia, sob um sol creador, n'uma terra uberrima, que se desentranha em fructos, que encerra thesouros, em suas minas, fertilisada por abundantes rios, que tem tudo que ha em outros paizes e mais o que elles não teem, que é rica, emfim, de todos os bens que a natureza possui e que Deus parece ter reunido aqui como no paraizo terreal!

E para que foi que este povo, achando-se apertado no solo que as suas espadas conquistaram, se aventurou aos mares a alçar a sua bandeira em terras até então desconhecidas, levantando imperios na India e na America, avassallando novos mundos onde a familia portugueza pôde viver como na patria porque são patria tambem de portuguezes.

Mas basta. Não ennumeremos mais o que deveria estar na lembrança de todos os filhos de Portugal, o que nunca deveriam esquecer, porque é esquecerem-se da sua nacionalidade, do que prova a sua existencia e autonomia, do que dá razão da sua vida atravez de todas as vicissitudes porque tem passado.

Pois quê! se Portugal não fosse um elo importante da cadeia que liga a grande familia da humanidade, teria resistido aos embates da sorte que tantas vezes o hão experimentado?

Se elle não tivesse concorrido tão bastamente para a civilisação que o mundo disfructa, como teria atravessado por entre os seculos e luctado contra as ambições de extranhos que tentaram apagar dos mappas as linhas que demarcam as suas fronteiras!

A Polonia succumbe sob o grande colosso porque a sua nacionalidade não coopera na transformação porque o mundo passa ao sahir da idade media; o mesmo acontece á Hungria. Veneza cahiu quando as novas descobertas empanam o brilho da sua navegação e do seu commercio.

Portugal existe e vive porque o ciclo da civilisação de que elle lançou os primeiros segmentos ainda não se fechou.

## II

Que serie de heroes encontramos ao folhear da historia, desde os que tentam as primeiras descobertas geographicas até os que fundam imperios como Affonso de Albuquerque.

Como as prôas das naus portuguezas foram deliniando, na immensa tabola do Oceano os fundamentos da civilisação moderna.

Os argonautas precedem os venezianos nas suas viagens; o scandinavo Leif Erik descobre tres seculos antes de Colombo a America do norte e os noruegueses estabelecem-se na Islandia; Roger Bacon e o cardeal Pedro d'Ailly esboçam os primeiros deliniamentos geographicos, mas tudo isto é nebuloso no espirito dos navegadores e cosmographos do seculo XV e faz crescer a vontade de conhecer os caminhos do mar, para chegar áquellas regiões mysteriosas de que se contavam historias da Fabula.

Christovão Colombo e Amerigo Vespucci estudam e fazem calculos para achar o caminho do Oriente de que falla Marco Polo, e o aventureiro genovez despresado na sua patria vem offerecer a Portugal os seus serviços e pedir-lhe naus para ir á descoberta, mas não é mais feliz nas suas pretensões do que o fôra na Italia.

Já Portugal então andava tambem empenhado n'essas empresas, e o immortal infante D. Henrique lançava, na supposta eschola de Sagres, as bases das grandes navegações e descobertas

que iam seguir-se.

Ali se planeava a grande revolução geographica que se ia operar e que seria o fôco de novas revoluções, nas sciencias, nas artes e no commercio, o prologo d'esta civilisação que hoje nos maravilha.

Vasco da Gama, mais feliz do que Colombo encontra o caminho da India. Os seus marinheiros vencem os mares tenebrosos e quebram o encanto das sereias que se rendem ás suas canções maritimas; o indomito Adamastor respeita tão grande audacia e deixa passar adiante a frota que entra alfim no Oceano Indico.

Depois que serie de descobertas se succedem; que trabalho de civilisação de novas gentes se enceta.

Os nossos arsenaes apparelham, sem cessar, naus e caravellas para novos empreendimentos. Desenvolve-se a febre da navegação; cada portuguez é um navegador. Portugal quasi se despoeva para ir povoar novas terras onde leve a luz da nova civilisação.

Os seus capitães vão continuar para além do Atlantico a sua obra de conquista principiada em Ourique. Eram ainda o mesmo peito d'aço, o mesmo braço esforçado. A flôr da mocidade adiantava-se; os que ficavam tinham inveja dos que partiam. Vieram as emolações, as intrigas da côrte, os despeitos, e quantos d'isto foram victimas, os maus, os bons.

Houve, porém, um homem na côrte de D. Manuel, mais audaz, por ventura que outros, que acariciava a idéa de dar a volta

ao mundo por mares ainda não devassados de europeus.

Era a idéa predominante no espirito dos navegadores achar a passagem para o mar do Sul que incurriria o caminho para a India.

Colombo já o pensára, Balboa estivera a ponto de o realizar, mas o Destino tinha escripto no seu insondavel livro que seria a um portuguez que caberia essa gloria: e esse portuguez, esse homem da côrte de D. Manuel; – foi Fernão de Magalhães, que quizera enflorar na corôa de Portugal uma nova joia de alto valor, mas que o mesmo Destino quiz que a fosse engastar na Corôa de Castella!

### III

Não é proprio dos espiritos aventureiros medir as suas acções pelas regras da prudencia e da boa razão; se assim não fôra deixaria de haver a aventura para só prevalecer a fria reflexão, o que tanto monta como o mundo ter avançado metade do caminho percorrido nos progressos da humanidade: *Audentes fortuna juvat.*

Não se esperem aventuras donde só dominar a intelligencia sem participar o coração. Os productos da primeira serão admirados e respeitados, mas o que o segundo produzir ha-de espantar e maravilhar.

Raro se reúnem estas qualidades e por isso, quando se encontram em um só homem, esse homem será um heroe, porque encherá de beneficios a humanidade.

Comtudo não menos raro é, que a esses homens de espirito e coração privilegiados, a humanidade tenha aberto os braços antes de lhe mover uma guerra de morte. Porque elles vêem mais longe que o vulgar dos espiritos, advinhando o que outros não comprehendem, são sempre o alvo da inveja dos maus a espicaçar a aversão dos nescios.

É por isso que em todos os tempos a intriga tem envolvido os grandes homens, deturpando-lhe as intenções, maculando-lhe o character, desfazendo de seus meritos, pretendendo annular-lhe as suas obras.

Quantas vezes os ferros de el-rei arroxearam os pulsos dos seus melhores servidores; quantas o desgosto matou homens a quem a posteridade tem levantado monumentos!

N'este labyrintho da Historia, que os historiadores nem sempre tem podido espurgar das paixões, quão difficil é apreciar com justiça o character dos homens que n'ella mais preponderam por suas acções e influencia.

É n'esta difficuldade que nos encontrâmos para definir nitidamente o character de Fernão de Magalhães, avaliando as rasões que o levaram a deixar a patria e o serviço do seu rei, pelo serviço do imperador das Hespanhas, por um paiz que era o emulo de Portugal, nas conquistas e descobertas.

É fóra de duvida que Fernão de Magalhães deveria ter um character independente e ousado, porque outro não se compadecia com o seu espirito aventureoso; que esse character não seria facilmente maleavel como não se amoldaria ás adulações e hypocrisias da côrte, parece seguro; mas viria só d'isto o desgredo em que cahiu para com el-rei D. Manuel?

Seria Fernão de Magalhães mais ambicioso que outros, o que não é para admirar, visto que o seu espirito se dilatava tanto pelo que outros não viam, e essa ambição miraria mais á gloria do que ao interesse material? Qualquer das duas seria o bastante para o malquistar com os camaradas e com os cortezãos.

É certo que um dos motivos de desgosto de Magalhães foi el-rei desattender-lhe o pedido de augmento de pensão, ao voltar de Azamor, onde combatera valentemente contra os

moiros ao lado de João Soares e onde fôra ferido em uma perna, de que ficou coxeando; mas se o aumento pouco valia monetariamente, sobrava-lhe em importancia moral porque, como diz Faria e Sousa, na *Asia Portuguesa*: «Subir cinco reaes em dinheiro, é subir muitos graus em qualidade», e Lafitau na *Europa Portuguesa*: «... crescer aqui um real é crescer muito em opinião».

## IV

Quando isto succedeu já Fernão de Magalhães havia illustrado o seu nome em Africa, tendo feito parte de tres expedições, que de Lisboa partiram para aquelles paizes.

A primeira d'essas expedições foi a de 25 de março de 1505, sob o commando de D. Francisco d'Almeida. N'ella se alistou Fernão de Magalhães, contando 25 annos de idade, pois, segundo parece, nascera pelos annos de 1480,<sup>1</sup> deixando os commodos da côrte, onde, segundo diz Argenzola, na *Historia de las Malucas e Anales de Aragon*, era pagem da rainha D. Leonor e d'el-rei D. Manuel. Preparou-se Magalhães, tanto com as coisas espirituaes como materiaes, para a perigosa viagem, conforme o costume dos tempos. Confessou-se e sacramentou-se e fez testamento, em Belem, a 19 de dezembro de 1504, em que transparece o animo com que o testador se achava para as grandes emprezas, pois recommenda n'aquelle documento – segundo dá fé Diego de Barros Arana, na *Vida e Viagens de Fernão de Magalhães*,<sup>2</sup> – a

---

<sup>1</sup> Não está bem determinada a data do nascimento de Fernão de Magalhães; é, todavia, certo que elle nasceu na aldeia de Sabrosa, de Traz-os-Montes e que seu pae se chamava Pedro, sendo da quarta nobreza de Portugal, ou fidalgo de cotta d'armas e geração que tem insignias de nobreza, tendo a sua familia escudo d'armas enxequetado, ou em quadradinhos como taboleiro de xadrez.

<sup>2</sup> Este testamento só foi conhecido em 1855, segundo diz Arana, que d'elle teve conhecimento por uma copla de Ferdinand Diniz, que a houve de um herdeiro de Magalhães.

sua irmã D. Thereza de Magalhães, que institue herdeira do seu patrimonio como parente mais proximo, casada com João da Silva Telles, gentilhomen da côrte e senhor do castello de Pereira de Sabrosa, que transmitta o seu appellido juntamente com o seu brazão d'armas a seus herdeiros.

Em 1508 encontrava-se já Fernão de Magalhães em Lisboa de volta d'aquella viagem. Havia tomado parte com Nuno Vaz Pereira nas guerras da Costa Oriental da Africa para submeter aquelles povos á soberania de Portugal, como era necessario para a submissão das possessões da India.

Não nos transmite a historia os feitos d'armas que elle praticou n'esta viagem; é comtudo certo que ella lhe serviu, como as subsequentes, para alargar os seus estudos geographicos, como affirmam todos os escriptores que de Magalhães se tem occupado.

A segunda viagem encetou-a Fernão de Magalhães em 5 de abril de 1508, partindo de Lisboa na frota de Diogo Lopes de Sequeira, composta de quatro naus, com objecto de novas descobertas e conquistas no Oriente. Malaca era uma das terras mais cubiçadas pelas riquezas que tinha, e Sequeira ia encarregado de estabelecer relações com aquelle povo.

A viagem foi bem succedida até Madagascar, mas, proseguindo para Ceylão, um grande temporal obrigou os navios a arribar a Cochim, onde residia o vice-rei da India D. Francisco d'Almeida. Aqui augmentou Sequeira a sua frota com mais um navio e a guarnição com mais 60 homens, largando de Cochim

a 18 de agosto de 1509.

Chegou Diogo Lopes de Sequeira a Malaca depois de ter reconhecido a ilha de Sumatra. Foi, porém, desgraçado o fim d'esta viagem, porque os malayos, que a principio receberam bem os portuguezes, não tardou muito que conspirassem contra os nossos, tentando assassinar Sequeira, tentativa de que Magalhães teve conhecimento e conseguiu frustrar, assim como com esforçado valor defendeu seus companheiros de morrerem traiçoeiramente ás mãos d'aquelle povo, salvando quantos poudo dos que se encontravam em terra. Entre estes nomea-se Francisco Serrano, ou Serrão, seu companheiro e, parece, parente.

Sequeira voltou para a Europa no melhor navio da frota, tendo mandado queimar dois por falta de gente para os tripular, e ordenando que os outros officiaes e resto de tripulação fossem para Cochim nos dois navios restantes, d'onde depois seguiriam para Portugal.

Assim se observou; porém, a má sorte quiz que os navios se perdessem no archipelago de Laquedivas, desfazendo-se nos recifes de Padua, logrando salvar-se a tripulação para um ilheu deserto, esperando passar a terra povoada.

N'esta conjuntura revela-se a grandeza de animo e o coração generoso de Fernão de Magalhães, porque, embarcando-se os seus companheiros nas lanchas para procurarem terra hospitaleira, elle se ficou com os restantes correndo o risco de, embora perecer, mas nunca os abandonar. Assim esperou

que os companheiros lhe enviassem o auxilio necessario, e, chegado elle, se passou a Cananor, onde encontrou Affonso de Albuquerque, que ia de viagem para Ormuz com gente de guerra a dilatar suas conquistas na Persia e seguir até o mar Roxo e Egypto.

Recebeu Affonso de Albuquerque a Fernão de Magalhães e aos companheiros, que embarcou em sua armada, os quaes o ajudaram a submeter Goa e a dominar a costa de Malabar, e depois a tentar nova guerra contra Malaca, que é um dos feitos mais gloriosos das armas portuguezas no Oriente e o inicio de novos descobrimentos como os das ilhas de Banda e das Molucas, centro das ricas e procuradas especiarias.

No regresso d'esta viagem (1512), em que tanto se distinguiu Fernão de Magalhães, teve este em recompensa de seus serviços o cargo de moço fidalgo do paço, com a pensão de mil réis mensaes com moradia. Esta pensão lhe foi melhorada pouco tempo depois, o que muito lhe accrescentou o valor e importancia na côrte, como se depreheende dos documentos achados por Muñoz no archivo de Lisboa.

A recompensa dada por el-rei D. Manuel a Fernão de Magalhães foi incentivo bastante para o bravo portuguez voltar á guerra, procurando na sorte das armas augmentar o lustre do seu nome já então galardoado.

Na Africa feria-se uma guerra contra mouros que se batiam denodadamente com os portuguezes. Não menos que para a India se dirigiam as vistas do rei afortunado para aquelle campo das

nossas conquistas, e assim mandou aprestar uma grande armada, composta de quatrocentos navios, – segundo diz Faria e Sousa, na sua *Africa Portuguesa*, – em que embarcou dezenove mil homens de guerra, sob as ordens de seu sobrinho D. Jayme de Bragança.

N'esta armada partiu Fernão de Magalhães, emprenhendo a sua terceira viagem, em 1513; e não foi esta menos gloriosa para o seu nome que as duas primeiras; pois que combatendo ao lado de João Soares contra aquelles povos semi-barbaros, occupou a praça de Azamor e defendeu-a valorosamente contra as tropas dos reis de Fez e de Mequinez. N'esta guerra se excedeu tanto em valor que, a par do ferimento que recebeu em uma perna, de que ficou coxeando, lhe foi dado o posto de quadrilheiro-mór, ou capitão de uma companhia; e perseguiu de tal modo os mouros que aprisionou oitocentos e noventa d'estes e duas mil cabeças de gado.

Segundo diz Barros, esta façanha foi origem de desgostos para Fernão de Magalhães, porque na repartição da presa levantaram-se tantas reclamações e intrigas que chegaram aos ouvidos de el-rei D. Manuel, indispondo este monarcha contra o heroe de Azamor.

Quanto de inveja e de mal soffridas ambições andariam n'isto, é o que não podemos affirmar; mas, a julgar pelos resultados, mui negras deviam ser as côres com que apresentaram a el-rei o quadro do procedimento de Magalhães, para que este, depois de se justificar com documentos, provando a falsidade das arguições ainda assim não conseguisse recompensa regia dos seus serviços

e ainda menos perdão da supposta culpa.

Ouçamos o que sobre este ponto diz Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India*, n'aquella linguagem do tempo, e que vamos transcrever quanto possivel approximada e intelligivel para a maioria dos leitores de agora. «... Fernão de Magalhães, vindo ao reino, allegando a el-rei seus serviços, pediu em recompensa lhe accrescentasse cem réis de moradia por mez, o que el-rei lhe denegou, por não cahir em sua graça, ou porque estava destinado que assim havia de ser. Fernão de Magalhães, aggravado, porque muito o pediu a el-rei e elle lh'o não quiz fazer, lhe pediu licença de ir viver para quem lhe fizesse mercê e alcançasse mais fortuna que com elle, ao que el-rei lhe disse, fizesse o que quizesse, e lhe quiz beijar a mão e el-rei lhe a não quiz dar.»

Não se pense d'aqui que a pureza dos costumes do tempo fosse tal que, admittindo que Magalhães fosse menos escrupuloso no seu procedimento, não lhe pudessem ser levados em conta os serviços prestados ao reino, para lhe attenuar a falta; porque é certo que a outros, não mais prestantes nem menos ambiciosos, a munificencia do rei encheu de honras e prebendas, apesar das faltas commettidas.

As injustiças são de todos os tempos, sem que por isso se deva sempre condemnar quem as comette; porque muitas vezes são involuntarias e apenas resultado de tramas bem urdidos por terceiros.

Foi, provavelmente, o que aconteceu com Fernão de Magalhães, que tanto se sentiu de ver-se injustamente

desattendido, que renegou da sua nacionalidade de portuguez para offerecer os seus serviços a Castella.

Não se fala da lucta que elle travaria comsigo mesmo para levar a cabo esta resolução; mas é bem de suppôr seria enorme, se tivermos em vista quanto devia repugnar a um portuguez o trocar a sua nacionalidade pela de uma nação, que sempre nos disputou a supremacia, quer nas conquistas e descobrimentos, quer na absorpção d'esta gloriosa patria portugueza. Enorme lucta, sem duvida, a que se levantou no espirito de Fernão de Magalhães; mas como resistir-lhe, se essa resistencia seria a annullação dos seus planos audaciosos, que não eram a satisfação de um capricho, vaidade impertinente, ou ambição injusta.

O escudo das suas armas ia ser picado, o nome da sua familia execrando, apontado ao desprezo; e elle estimava tanto os pergaminhos de seus antepassados, o seu nome, a sua patria, que, ao apartar-se d'ella pela primeira vez, recommendara a seus herdeiros, nas desposições testamentarias, que lhe guardassem o seu escudo de armas e o transmitissem aos seus descendentes.

Enorme lucta, sem duvida; mas ainda maior que essa lucta era o ideal de Fernão de Magalhães, que antesonhava o grande progresso geographico que realizaria com a sua viagem de circumnavegação do globo, prestando ao mundo um alto serviço e cobrindo o seu nome de tanta gloria, que faltando á religião da patria, ella não se deshonraria a final de o ter por filho.

Deshonra e vergonha seria se Fernão de Magalhães houvesse cruzado os braços ante a injustiça dos homens, rojando-se

submisso aos pés de um throno que o desprezava. Encontrando-se com animo para a audaz empresa que planeava, pouco lhe devia importar o ser portuguez ou de outra qualquer nacionalidade; essa preocupação seria futil no meio da sua grandiosa obra. Elle tinha fatalmente que realizar os seus planos. Se a patria lhe negava os meios de os levar a effeito, elle iria por esse mundo fóra procural-os até encontrar quem lh'os facultasse; e foi e encontrou!

Se para a Hespanha Fernão de Magalhães conquistou terras, para Portugal conquistou a gloria do seu nome. Essas terras poderão um dia deixar de ser de Hespanha; mas a gloria do nome de Fernão de Magalhães é que nunca deixará de ser de Portugal!

## V

Mediaram cerca de tres annos entre os successos que levaram Fernão de Magalhães a renegar a nacionalidade portugueza, e a sua entrada em Sevilha a 20 de outubro de 1517.

Este tempo consumiu-o em estudos de cosmographia e nautica, escrevendo tambem a sua obra em castelhano sobre as terras que tinha visitado, á qual deu o titulo: *Descripcion de los reinos, costas, puertos e islas que hai en el mar de la India oriental i costumbres de sus naturales: su gobierno, religion, comercio i navegacion, i de los frutos i efectos que producen aquellas vastas regiones, con otras noticias mui curiosas; compuesto por Fernando Magallanes, piloto portuguez que lo vio i anduvo todo.*

Esta obra nunca foi publicada, apesar d'isso extrahiram-se d'ella algumas copias, que alteraram muitos pontos essenciaes das viagens de Magalhães, o que bastante deprecia o seu conhecimento, e Diego de Barros Arana, diz que viu em Madrid uma d'essas copias, de letra do seculo XVI que possuia o erudito bibliophilo D. Paschoal de Gayangos.

Aos estudos que Fernão de Magalhães fazia, ora em Lisboa ora no Porto, onde tinha mais persistencia, reuniu o conhecimento de Ruy ou Rodrigo Faleiro da Covilhã, que segundo diz Oviedo, na sua *Historia jeneral de las Indias*, era homem de grandes conhecimentos de cosmographia, astrologia e outras sciencias. Faleiro foi de grande auxilio para Magalhães

porque compreendendo-se do seu pensamento e dos seus planos associou-se calorosamente á empreza, juntando-se-lhe Francisco Faleiro, irmão de Rodrigo e que tambem era homem sabido em coisas de nautica.

Magalhães já não se encontrava sosinho com a sua idéa, e isto mais o animou a proseguir, nos meios de levar á pratica o audacioso plano.

Sem navios nem meios para os adquirir e aprestar, sem nada poder esperar do rei que o despresara, tinha fatalmente que recorrer a Castella, tanto mais, que para realizar a sua viagem, não querendo abeirar-se de terras portuguezas, precisava tocar em terras sujeitas á Hespanha e onde não era permittido estabelecer trafico sem auctorisação do rei de Castella.

A Carlos V ia offerecer os seus serviços e descobrir os seus planos, pedindo que lhe fornecesse os meios de os realizar. Mais tarde havia de Camões cantar, nos seus immortaes Luziadas, os feitos de Magalhães:

Eis-aqui as novas partes do Oriente,  
Que vós outros agora ao mundo daes,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito navegaes.  
Mas é tambem razão, que no Ponente  
D'um Lusitano um feito ainda vejaes,  
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra, que continua  
Vae de Callisto ao seu contrario polo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a côr tem do louro Apollo;  
Castella, vossa amiga, será digna  
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:  
Varias provincias tem de varias gentes,  
Em ritos e costumes diferentes.

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte tambem c'o pao vermelho nota:  
De Sancta Cruz o nome lhe poreis;  
Descobril-a-ha a primeira vossa frota.  
Ao longo d'esta costa, que tereis,  
Irá buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portuguez, porém não na lealdade.

## VI

Abandonando a patria e o rei, que tão mal apreciara os seus serviços, Fernão de Magalhães se foi a Sevilha, onde, ainda antes, talvez, de tratar dos negocios da sua empreza, se lhe prendeu o coração a uns olhos negros e pestanudos de uma gentil sevilhana, D. Beatriz, filha de Diogo Barboza.

O bravo soldado que combatera na India e na Africa; o arrojado navegador que dominara a porcella e queria devassar ignotos mares que a espada de Balboa havia desafiado, como diz Alexandre de Humboldt – «com a espada na mão mettia-se á agua até aos joelhos, e pensava apossar-se do mar do sul em nome de Castella» – o heroe de Azamor, o homem forte que só parecia viver para a audaz empreza da circumnavegação do globo, rendeu-se aos encantos de uma mulher, que soube conquistar-lhe o coração e a quem elle, pouco tempo depois de ter chegado a Sevilha, dava a mão de esposo.

Tambem d'este enlace lhe veio auxilio para os seus planos, porque Diogo Barbosa, sogro de Fernão de Magalhães, era, como diz Gaspar Correia: «... homem principal, que sabia navegar no mar, porque era muito entendido na arte de piloto e era *esperico*— o que quer dizer *spherico* ou cosmographo, que sabe da *sphera*.

Effectivamente, segundo Faria e Sousa, na *Asia Portugueza* e Lafitau na *Histoire des découvertes et conquetes des portugais*,

Diogo Barboza fizera parte de uma grande expedição que el rei D. Manuel mandou aos mares da India, em 1501, indo capitaniando um dos navios da frota de João da Nova, a qual derrotou uma esquadra de mouros que traficavam em Calcuta e descobriu as ilhas da Conceição e de Santa Helena. Este Diogo Barboza deixou o serviço de Portugal e se foi a Castella, onde encontrou protecção em D. Alvaro de Portugal, que havia passado aquelle paiz, quando seu irmão, o duque de Bragança foi decapitado em Evora por ordem de El-rei D. João II (1483). D. Alvaro foi recebido pelos reis catholicos como parente, e lhe deram todas as honras inherentes a tão alto personagem, confiando-lhe os cargos de presidente do conselho dos reis e de alcaide do alcaçar de Sevilha, segundo diz Lopez de Haro, no *Nobiliario de España* e Ortiz de Zuniga, nos *Anales de Sevilla*.

Tão alta protecção teve a sua influencia em Barboza, que foi elevado a commendador da ordem de S. Thiago e logar tenente do alcaide do alcaçar de Sevilha, e assim collocado, casou com a filha de uma das principaes familias de Sevilha, D. Maria Caldeira.

Viveu Fernão de Magalhães com esta familia durante o tempo que esteve n'aquella terra e d'ahi lhe veio proveito, porque alem da protecção do sogro travou relações com Duarte Barboza sobrinho de Diogo, que tambem viajara para a India e explorara aquelles mares, como prova a relação das suas viagens, publicada, em parte, na, *Navigazione e viaggi*, do colleccionador italiano J. B. Ramusio, publicado em 1554, e completa, na *Collecção de*

*noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicado em Lisboa, em 1813.

Como se vê, Fernão de Magalhães ia juntando elementos de estudo que lhe aproveitavam, ao mesmo tempo que alcançava boas protecções para levar a cabo a sua empreza.

Assim se dirigiu em Sevilha, a uma casa chamada da contratação em que se tratavam os negocios maritimos e a que Gaspar Correia se refere nas suas *Lendas da India*: «Em Sevilha tinha o imperador a casa da contratação, com regedores da fazenda que tinham grandes poderes e trafego de navegação e armadas. Fernão de Magalhães forte de seu saber e com muita vontade de anojár el-rei de Portugal, tratou com os regedores da casa da contratação e disse-lhes: que Malaca e Moluco, ilhas que creavam o cravo, eram do imperador pelas demarcações que entre ambos havia e por isso el-rei de Portugal não tinha direito de possuir estas terras: e que isto elle sustentava em presença de quantos doutores que o contestassem, pelo que obrigaría a sua cabeça. Os regedores lhe responderam que sabiam bem que elle fallava verdade; mas que o imperador não mandava lá seus navios, porque não podia navegar em mares da demarcação de el-rei de Portugal. Ao que, lhes disse Fernão de Magalhães: Se me derdes navios e gente eu navegarei para lá sem tocar em mar ou terra de el-rei de Portugal. E se assim o não fizesse lhe cortassem a cabeça. Os regedores muito satisfeitos assim escreveram ao imperador o qual lhes respondeu que sentia prazer com o dito e muito mais sentiria com o feito: que tudo fizessem

os regedores, guardando o seu serviço e as coisas de el-rei de Portugal, em que não tocassem e antes tudo se perdesse. Com esta resposta do imperador fallaram a Magalhães o qual continuou a affirmar o que dizia, de que navegaria e ensinaria o caminho por fóra dos mares de el-rei de Portugal; que lhe déssem os navios que elle pedisse, gente e artilheria e o necessario, que elle cumpriria o que dizia e descobriria novas terras na demarcação do imperador e traria oiro e cravo e canella e outras riquezas; o que ouviram os regedores desejando muito fazer tão grande serviço ao imperador, qual o de descobrir esta navegação, e para terem maior certeza, reuniram pilotos e *espericos* para sobre isto discutirem com Magalhães, que a todos deu suas razões e todos concordaram no que elle dizia e confirmaram que era homem mui sabido.»

Os mares e terras da demarcação do imperador, a que se referia Fernão de Magalhães, eram os comprehendidos na linha divisoria que o Papa Alexandre VI marcára a pedido dos reis catholicos afim de evitar conflictos entre os reis de Castella e de Portugal, pela diligencia em que estas duas nações andavam de descobrir terras desconhecidas.

A linha traçada pelo Papa, ia de um polo ao outro, 100 leguas ao occidente dos Açores, dando aos hespanhoes a posse das terras que descobrissem para esta parte e aos portuguezes as que descobrissem e conquistassem para o oriente.

A bulla de Alexandre VI que isto concedia começa assim: *De nostra mera liberalitate, et ex certa sciencia ac de Apostolicae*

*potestates plenitudine* etc.

De nossa mera liberalidade, sciencia certa e plenitude do nosso poder Apostolico etc.

Depois d'esta demarcação os reis de Portugal e os de Castella acordaram em fixar a linha divisoria mais 270 leguas ao occidente, pelo que diz Muñoz na *Historia del Nuevo Mundo*

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.